

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

São Paulo, 07 de junho de 2010.

Prezados Clientes,

Segue o nosso relatório mensal de investimentos de Maio de 2010.

Aqui apresentamos o cenário econômico e o desempenho dos nossos fundos no período, as nossas perspectivas para o mês de Junho de 2010 e, por fim, a tabela de rentabilidade dos fundos.

CENÁRIO ECONÔMICO EM MAIO

O mês de maio foi marcado por elevada volatilidade e acentuadas perdas nos mercados de ações em todo o mundo. O foco dos investidores permaneceu voltado à situação fiscal dos países da Europa. Novas medidas foram adotadas pelas autoridades nas últimas semanas, porém não surtiram efeito sobre o mercado e a aversão ao risco sofreu sensível aumento no período. A União Européia e o FMI anunciaram um pacote de 750 bilhões de euros com a finalidade de estabilizar o euro e evitar o contágio da crise para os demais países do continente. Uma das medidas prevê a compra de títulos de países em dificuldades pelo Banco Central Europeu. Ainda assim, a agência de classificação de risco Fitch rebaixou o rating da Espanha, o que de certa forma contribuiu para o aumento do pessimismo. As medidas de austeridade fiscal adotadas, apesar de necessárias, aumentaram a possibilidade de recessão na Zona do Euro por um período prolongado, porém diminuem as chances de default em algum país. Fora do Europa as notícias são de fato mais positivas. O mercado de trabalho dos EUA segue em recuperação, ainda que em ritmo inferior ao previsto, com criação de novos postos de trabalho e queda da taxa de desemprego, e os números do setor imobiliário mais uma vez trouxeram aumento das vendas e recomposição dos preços dos imóveis. Na China, se por um lado os indicadores da atividade econômica seguem demonstrando um crescimento robusto no ano, por outro aumenta o receio de que novas medidas de aperto monetário sejam cada vez mais necessárias. O governo do país já sinalizou que deve continuar apertando os cintos para evitar um descontrole inflacionário. Os preços das commodities registraram perdas, assim como os principais índices acionários. O S&P-500 desabou 8,2% em maio. O Ibovespa recuou 6,64% no período, o pior desempenho do ano de 2010, e encerrou o mês de maio aos 63.047 pontos.

No Brasil, os últimos números da atividade econômica indicaram forte crescimento. Houve aumento de 1,6% das vendas a varejo no mês de março em relação a fevereiro. Em base anual, a alta foi de 15,7%. Já a produção industrial recuou 0,7% em abril, segundo o IBGE, na comparação com o mês de março. Em compensação, a alta da produção industrial no mês de março foi revisada para 3,4%, ante 2,8% informado inicialmente. Os principais índices de preços continuam em alta. O IGP-M do mês de maio avançou 1,19%, bem acima do apresentado em abril (+0,77%), refletindo o aumento dos preços do minério de ferro. O IPCA-15 de maio subiu 0,63%. A ata da última reunião do Copom (final de abril) justificou a alta de 0,75 pp como medida necessária para evitar "a propagação de incertezas no curto prazo". O documento também ressaltou o aumento do descompasso entre oferta e demanda e o cenário econômico externo, destacando a difícil situação dos países Zona do Euro. O Governo Federal anunciou um novo corte no Orçamento do ano de 2010, desta vez de R\$ 10 bilhões. O pessimismo externo teve forte influência sobre o mercado de juros futuros. O DI jan/11 recuou de 11,16% do fechamento de abril para 10,96% aa e o DI jan/12 encerrou o mês de maio negociado a 11,98% aa,

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

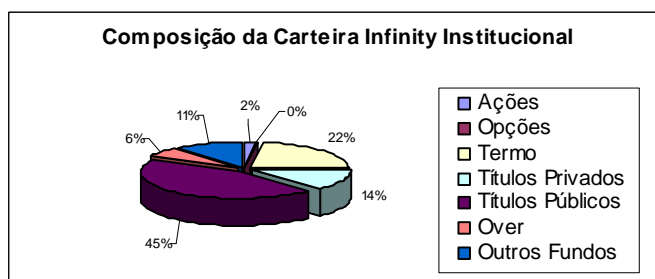
ante 12,35% aa do mês anterior. As apostas para a reunião do Copom deste mês de junho são de novo aumento da Selic de 0,75 pp, para 10,25% aa.

Após três meses consecutivos de perdas, o dólar registrou em maio expressiva valorização. A taxa comercial do dólar encerrou o mês negociada a R\$ 1,821 nas operações de venda, um acréscimo da ordem de 4,8% em relação a abril. As preocupações com a difícil situação atravessada pelas economias européias influenciaram diretamente a cotação do dólar no período. O aumento da aversão ao risco fez com que os investidores migrassem recursos aplicados em ativos de maior risco (ações, commodities e moedas de países emergentes) para ativos como o dólar e títulos do Tesouro dos EUA. O euro sofreu forte desvalorização no período e encerrou o mês de maio próximo de US\$ 1,20, o menor patamar dos últimos 4 anos. Entretanto, o fluxo de recursos para o mercado brasileiro continuou positivo no mês de maio. Segundo o Banco Central, o saldo era positivo em US\$ 2,7 bilhões até o dia 28. O saldo da balança comercial foi superavitário em US\$ 3,45 bilhões no período, o maior do ano de 2010.

ESTRATÉGIAS E POSIÇÃO MÉDIA DA CARTEIRA

INFINITY INSTITUCIONAL FIM

A rentabilidade do Infinity Institucional no mês de maio foi de 111,8% do CDI. Mais uma vez as operações de arbitragem e volatilidade com derivativos de taxa de juros e câmbio foram determinantes para o desempenho acima do benchmark do período. A carteira de ações apresentou rentabilidade negativa no período, prejudicada pela fraca performance do Ibovespa no mês, porém assim como ocorrido em abril, as perdas deste grupo de ativos foram minimizadas pela posição vendida em Índice Futuro em parte do período. Esta menor atratividade da bolsa de valores também teve reflexos nas operações a termo. Houve diminuição do percentual destas operações na composição total do fundo em função da menor demanda do mercado, porém seguiram apresentando retorno acima do CDI no mês de maio e foram usadas como colchão de rentabilidade. As aplicações em DPGes também tiveram importante contribuição para o desempenho do período.

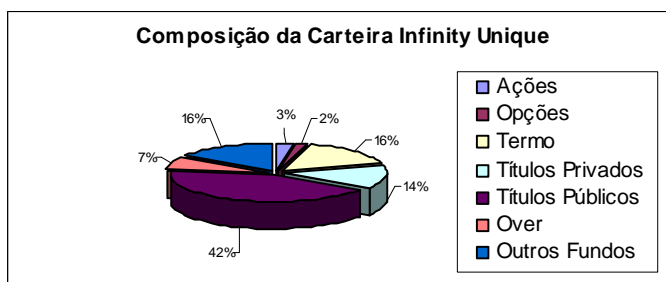


INFINITY UNIQUE FIM

As operações de arbitragem com derivativos cambiais e de taxa de juros (travas) no mercado futuro foram as maiores responsáveis pela rentabilidade acima do benchmark no mês de maio. A rentabilidade do Infinity Unique foi de 116,0% do CDI. A carteira de ações, apesar da pequena participação sobre o total do fundo, sofreu fortes perdas no período, porém a posição parcial vendida em Ibovespa Futuro foi utilizada como

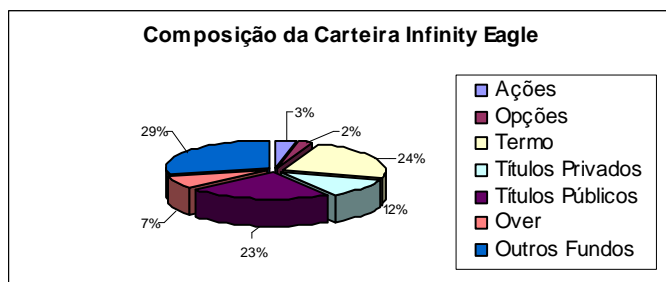
RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

proteção em alguns momentos, minimizando o efeito negativo. As aplicações em DPGEs contribuíram positivamente para a rentabilidade do fundo. As operações a termo mais uma vez registraram ganhos superiores ao CDI, porém ainda aquém das nossas projeções. Houve pequena diminuição da participação deste ativo na composição do fundo, com migração de parte dos recursos para títulos públicos pós-fixados (LFTs).



INFINITY EAGLE FIM

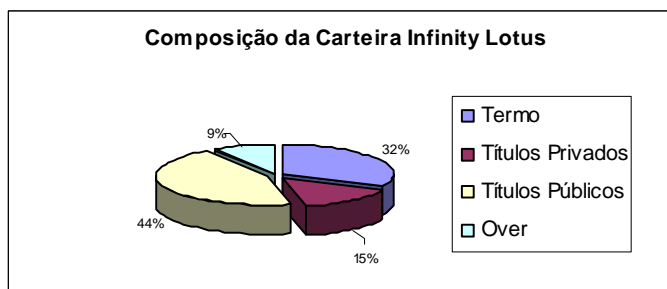
O fundo Infinity Eagle obteve rentabilidade equivalente a 115,1% do CDI no mês de maio. As operações de arbitragem no mercado de juros futuros e, principalmente, de volatilidade com derivativos cambiais (futuro e opções) foram novamente os principais destaques do período, beneficiadas pelas fortes oscilações dos mercados (nervosismo externo e especulações sobre os próximos passos da política monetária local). Do lado negativo, as ações que compõem a carteira do fundo registraram acentuadas perdas, prejudicadas pelo aumento generalizado da aversão ao risco em todo o mundo. Uma parcela desta queda foi compensada pelas operações de hedge com Ibovespa Futuro em parte do período. As operações a termo mais uma vez registraram ganhos superiores ao CDI, porém ainda abaixo das nossas estimativas iniciais. As aplicações em títulos privados (DPGEs) também tiveram bom desempenho e contribuíram para a rentabilidade do período.



INFINITY LOTUS FIRF

A rentabilidade do fundo Infinity Lotus foi de 103,1% do CDI no mês de maio. A performance acima do benchmark foi obtida em função do bom desempenho das operações de termo e dos títulos privados (DPGEs) que compõem o portfólio do fundo. As operações compromissadas voltaram a apresentar rentabilidade inferior ao benchmark. No mês de maio houve pequena diminuição dos recursos destinados a estas operações, com migração para títulos públicos pós-fixados (LFTs).

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS



INFINITY SELECTION FIA

O mês de Maio ficou marcado por mais um movimento de vendas no mercado acionário global. A volatilidade voltou com força e com isso o índice Bovespa caiu 6,64%, contra uma desvalorização de 7,73% do fundo Infinity Selection. No ano o fundo apresenta uma queda de 10,72%, contra um Ibovespa em queda de 8,08%. Contudo, desde o seu início o Infinity Selection apresenta alta de 16%, ante um Ibovespa em queda de 2,78%.

Realizamos alterações importantes na carteira do fundo, começando pelo setor de construção civil, em que não estávamos confortáveis a investir desde o nosso desinvestimento em Brookfield há alguns meses atrás. Com a realização dos mercados, algumas ações do setor se tornaram bastante atraentes, tanto pelo potencial de apreciação, quanto pela liquidez dos papéis (algo vital para tempos de incerteza). Com isso, adquirimos duas novas posições no setor: Cyrela (Cyre3) e Gafisa (GFSA3). Apenas para ilustração, os papéis das companhias apresentam quedas de 17,5% e 21,3% respectivamente. Com as recentes mudanças na carteira teórica do Ibovespa o setor de construção civil passou a ter uma porção bastante representativa do índice, algo em torno de 8,5%. Com nossas recentes aquisições estamos atualmente com posição neutra em relação ao benchmark, mas acreditamos que o setor tenha potencial de valorização muito interessante nestes níveis e estamos aguardando um melhor momento de mercado para elevarmos nossas posições. Enquanto isso, ficaremos neutros em relação ao índice.

Em consumo também realizamos mudanças significativas. Desmontamos nossa posição de Lojas Americanas (LAME4), reduzimos nossa posição de Pão de Açúcar (PCAR5) e constituímos 2 novas posições, BR Foods (BRFS3) e Guararapes (GUAR3). O setor têxtil tem apresentado níveis de crescimento e retorno muito interessantes desde o último trimestre do ano passado e este começo de ano não foi diferente, com as diversas empresas do setor apresentando resultados fortes e acima das expectativas dos analistas. Com isso acreditamos que atualmente Guararapes seja a empresa mais barata do setor, apesar de sua liquidez. Destacamos neste mês a queda de 9,69% das ações de Marisol (MRSL4), o que contribuiu negativamente para o desempenho do fundo no período.

No setor de Utilities, que engloba energia e saneamento, realizamos algumas alterações pontuais após os movimentos recentes. Aumentamos nossa exposição em Copasa (CSMG3) e AES Tietê (GETI4) e reduzimos a posição de Eletrobrás (ELET3). Continuamos com uma posição acima do mercado no setor devido às incertezas no curto prazo e por ações como Copasa e AES Tietê apresentarem um bom potencial no médio e longo prazo. Nossa exposição no setor foi extremamente positiva para a carteira do fundo com retorno negativo de apenas 2,2% contra uma queda de 6,22% da carteira do índice.

No setor financeiro constituímos uma nova posição, Sulamérica (SULA11). As ações sofreram forte desvalorização causada pela venda de uma grande posição por parte de um fundo. Já acompanhávamos a

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

empresa há bastante tempo, mas não encontrávamos oportunidade de entrada em suas ações. Com isso, nossas principais apostas no setor atualmente são Banco Mercantil (BMEB4) e Sulamérica (SULA11). Logo no início do mês, quando as incertezas em relação à economia mundial aumentaram, principalmente em relação à dívida dos países europeus, optamos por desmontar nosso investimento em TAM, basicamente devido a uma possível desvalorização cambial e uma nova onda de volatilidade em seus resultados decorrentes de variações cambiais em sua dívida, assim como uma possível redução na demanda por passagens internacionais face a um câmbio local menos favorável. Infelizmente durante o ano os papéis da empresa não apresentaram um bom desempenho e comprometeram a rentabilidade do Infinity Selection. Ainda sim, após nossa venda, os papéis da companhia ainda apresentaram uma desvalorização de 12% ao longo do mês. Em papel e celulose também decidimos zerar nossas posições.

EXPECTATIVAS PARA JUNHO

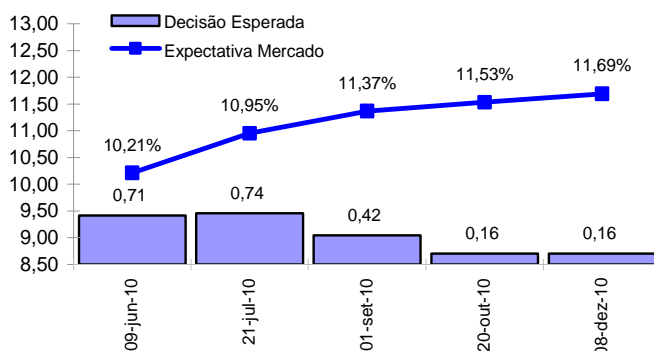
Cenário Internacional: O pessimismo seguiu dominando o mercado financeiro internacional no mês de maio e as perspectivas para o curto/médio prazo não são das mais animadoras. A situação fiscal dos países europeus permanece no centro das atenções. Planos de reestruturação fiscal foram adotados por diversos países do continente (Grécia, Portugal, Espanha, Reino Unido) e o mercado agora analisa as dificuldades de implantação e os efeitos das medidas adotadas, principalmente em relação ao crescimento econômico. A possibilidade de default de algumas nações em dificuldades também segue em pauta, mas parece ter perdido força após o anúncio do plano bilionário da União Européia-FMI. A notícia de que a Hungria também enfrenta sérias dificuldades fiscais voltou a abalar a confiança dos mercados neste início de junho. Nos EUA, os últimos indicadores conhecidos apontam continuidade do processo de recuperação econômica, com destaque para os dados do mercado de trabalho e do setor imobiliário. As expectativas de momento, no entanto, são de que o processo de retomada da atividade ocorra de forma mais lenta. Por fim, o crescimento econômico da China segue robusto e o governo já sinalizou que novas medidas de restrição ao crédito serão tomadas caso a inflação não dê sinais de arrefecimento. Dado que o mercado europeu é extremamente relevante na pauta de exportações da China, uma desaceleração mais contundente da economia da Europa poderá afetar sensivelmente os preços das commodities no mercado internacional.

Câmbio: O mercado cambial doméstico segue extremamente dependente dos eventos internacionais e deverá continuar apresentando elevada volatilidade neste mês de junho, já que o cenário europeu ainda é de muita incerteza. A notícia veiculada no início deste mês de que a Hungria também passa por uma delicada situação fiscal propiciou novo aumento da aversão ao risco, com valorização do dólar em relação às demais moedas (o euro já é cotado abaixo de US\$ 1,20). A alta dos preços de algumas commodities, como o minério de ferro, por exemplo, teve efeitos positivos sobre a balança comercial brasileira, que apesar de toda a turbulência internacional voltou a registrar superávit no mês de maio. Um ponto que certamente merece atenção é a queda do investimento estrangeiro direto no mês de abril e que tende a ser mantido em patamares mais tímidos nos próximos meses. Diversas ofertas públicas de ações foram adiadas, com as empresas aguardando melhores condições econômicas para realizarem suas emissões. Por outro lado, os novos ajustes da taxa básica de juros devem aumentar a atratividade dos títulos da dívida pública brasileira.

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

Juros: As expectativas dos agentes econômicos sobre as altas na taxa Selic sofreram alterações ao longo do mês com alguns dados de atividade vindo menos pressionados, além das perspectivas em relação à inflação para 2010/2011 terem sido revisadas para baixo. O novo foco de atenção para as apostas sobre o ciclo de alta nas taxas se voltou para o cenário externo, que apresentou forte deterioração. Quanto mais sinais de arrefecimento da atividade econômica no campo local e maior a impressão de deterioração do quadro externo, menor será a pressão nas taxas futuras, com a sensação de que o quadro recessivo fará o trabalho de ajuste macroeconômico de médio prazo. Essa corrente de pensamento encontra resistência por boa parte do mercado que acredita na continuidade do forte crescimento interno e a eliminação da capacidade ociosa, enxergando o produto crescendo acima do potencial e, conseqüentemente, trazendo a necessidade de um ciclo maior de alta da Selic.

Reuniões Copom



Preços de fechamento dos mercados de DI Futuro do dia 08/06/2010

Reuniões Copom	Expectativa Mercado	Taxa
09/06/10	0,71	10,21%
21/07/10	0,74	10,95%
01/09/10	0,42	11,37%
20/10/10	0,16	11,53%
08/12/10	0,16	11,69%

Bolsa de Valores: Após mais um mês de significativas perdas, com os mercados de ações em todo o mundo sendo diretamente afetados pelos temores relacionados à sustentabilidade dos elevados déficits fiscais dos países da Europa, o Ibovpa passou a acumular queda de 8,1% no ano de 2010 (fechamento de maio). Conforme destacado em nosso último relatório mensal, além do cenário externo extremamente negativo, as perspectivas de continuidade do processo de elevação da taxa básica de juros nas próximas reuniões do Copom em um cenário de elevada aversão por ativos de risco também têm contribuído para a perda de atratividade da bolsa de valores de São Paulo. No mês de junho, além da Europa, os dados das economias dos EUA e China também continuarão sendo monitorados de perto, inclusive para que possa ser auferido o real impacto da crise europeia sobre a trajetória de recuperação destes países. Com relação aos eventos corporativos, passada a primeira temporada de balanços (positivos de uma forma geral), a expectativa é de que as empresas brasileiras continuem apresentando bons resultados nos próximos meses. Diversas emissões de ações foram suspensas e a retomada das ofertas está condicionada à melhora dos mercados. Exceção feita à Petrobrás, que ainda depende de questões legislativas para que possa realizar sua oferta bilionária no início do 2º semestre. Setores para acompanhamento: Petrolífero, Siderurgia e Consumo. Setor substituído: Mineração.

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

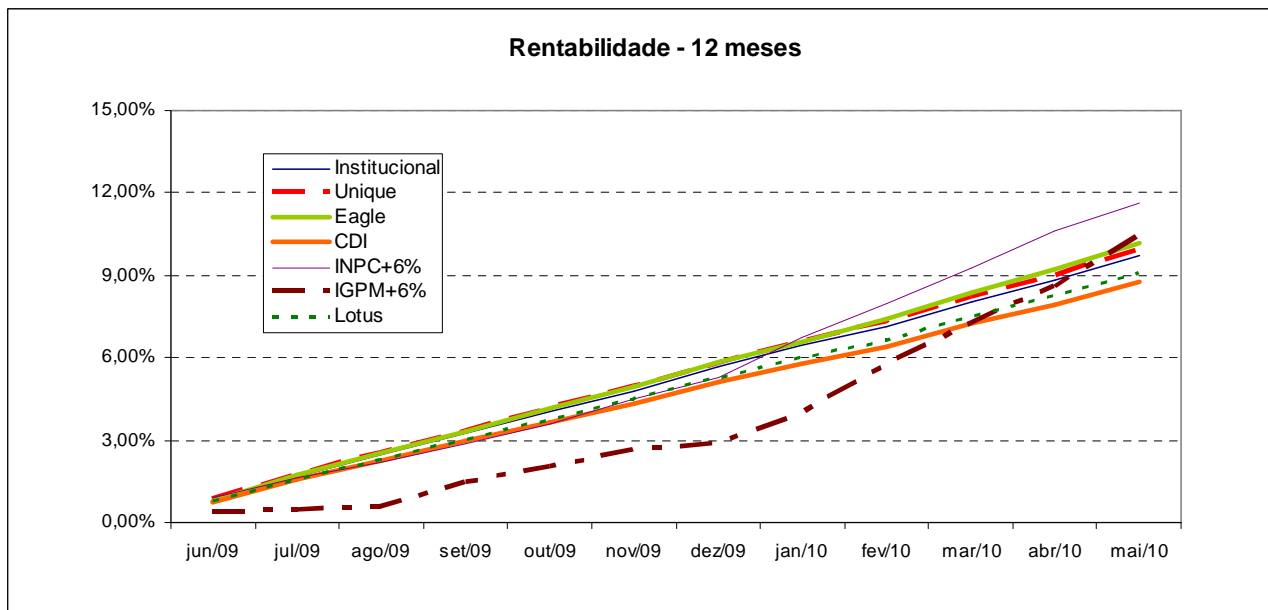
RENTABILIDADES

Fundos Multimercados

Fundo	Desde Início	12 meses	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10	jun/10	jul/10	ago/10	set/10	out/10	nov/10	dez/10	Acum 2009
Institucional	158,32%	9,71%	0,75%	0,64%	0,82%	0,72%	0,84%	-	-	-	-	-	-	-	3,82%
CDI	141,21%	8,75%	0,66%	0,59%	0,76%	0,66%	0,75%	-	-	-	-	-	-	-	3,47%
% CDI	112,12%	110,94%	113,40%	108,73%	108,08%	108,35%	111,82%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	110,24%
Unique	66,68%	9,96%	0,73%	0,68%	0,87%	0,74%	0,87%	-	-	-	-	-	-	-	3,95%
CDI	57,42%	8,75%	0,66%	0,59%	0,76%	0,66%	0,75%	-	-	-	-	-	-	-	3,47%
% CDI	116,13%	113,89%	110,44%	115,28%	115,00%	112,40%	116,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	114,11%
Eagle	69,01%	10,16%	0,73%	0,76%	0,93%	0,76%	0,86%	-	-	-	-	-	-	-	4,09%
CDI	57,42%	8,75%	0,66%	0,59%	0,76%	0,66%	0,75%	-	-	-	-	-	-	-	3,47%
% CDI	120,19%	116,09%	110,36%	127,62%	122,34%	114,31%	115,10%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	118,09%
IGPM+6%		10,44%	1,12%	1,67%	1,43%	1,26%	1,68%	-	-	-	-	-	-	-	7,37%
INPC+6%		11,65%	1,37%	1,19%	1,20%	1,22%	0,94%	-	-	-	-	-	-	-	6,06%

Fundo de Renda Fixa

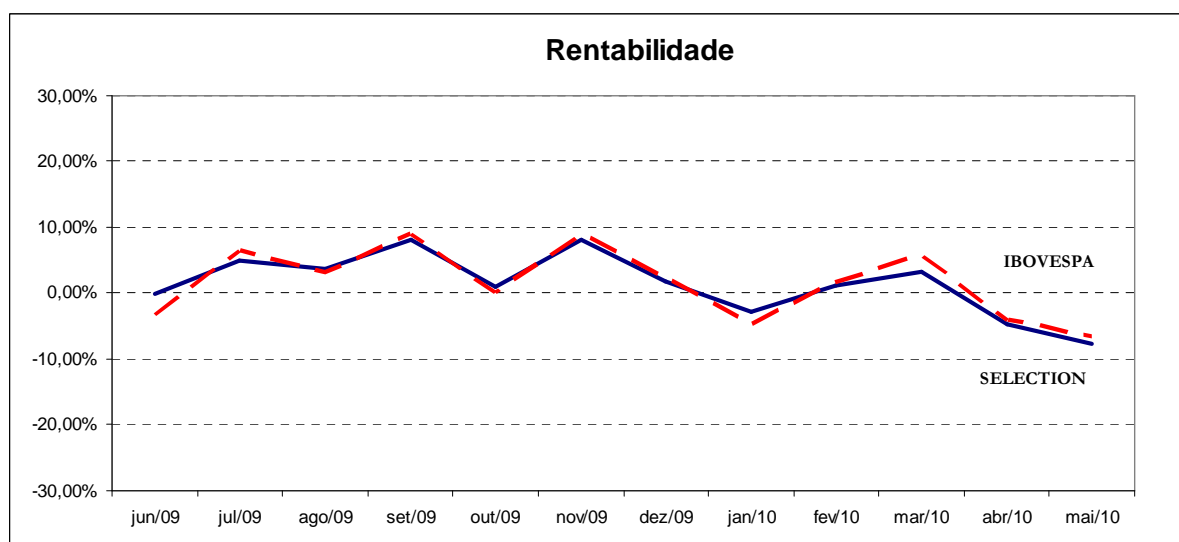
Fundo	Desde Início	12 meses	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10	jun/10	jul/10	ago/10	set/10	out/10	nov/10	dez/10	Acum 2009
Lotus	25,00%	9,10%	0,69%	0,61%	0,82%	0,70%	0,77%	-	-	-	-	-	-	-	3,64%
CDI	24,30%	8,75%	0,66%	0,59%	0,76%	0,66%	0,75%	-	-	-	-	-	-	-	3,47%
% CDI	102,90%	104,01%	105,32%	102,53%	107,68%	105,95%	103,12%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	105,07%
IGPM+6%		10,44%	1,12%	1,67%	1,43%	1,26%	1,68%	-	-	-	-	-	-	-	7,37%
INPC+6%		11,65%	1,37%	1,19%	1,20%	1,22%	0,94%	-	-	-	-	-	-	-	6,06%



RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

Fundo de Ações

Fundo	Desde Início	12 meses	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10	jun/10	jul/10	ago/10	set/10	out/10	nov/10	dez/10	Acum 2009
Selection	16,00%	16,60%	-2,86%	1,19%	3,30%	-4,71%	-7,73%	-	-	-	-	-	-	-	-10,72%
Ibovespa	-2,78%	18,51%	-4,65%	1,68%	5,82%	-4,04%	-6,64%	-	-	-	-	-	-	-	-8,08%
% Ibovespa	18,77%	-1,91%	1,78%	-0,49%	-2,51%	-0,67%	-1,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	-2,64%



Infinity Asset Management
www.infinityasset.com.br



Este Relatório Mensal de Investimentos foi elaborado pela equipe da Infinity Asset Management e tem como único objetivo a prestação de informações sobre a gestão dos fundos da própria Infinity. Este documento não deve ser considerado uma oferta de venda dos fundos, nem tampouco constitui um prospecto previsto na Instrução CVM nº 409/2008 ou no Código de Auto-Regulação da Anbid. As informações aqui apresentadas foram baseadas em fontes oficiais e de ampla difusão. A Infinity não se responsabiliza por eventuais divergências e/ou omissões. As opiniões aqui constantes não devem ser entendidas, em hipótese alguma, como uma oferta para comprar ou vender títulos e valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

As informações deste material são exclusivamente informativas. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. É recomendada uma análise de, no mínimo, 12 meses. Fundos de Investimento não são garantidos pelo administrador do fundo, gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro, ou ainda, do fundo garantidor de crédito (FGC). Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e o regulamento do fundo de investimento antes de efetuar qualquer decisão de investimento. Para avaliação da performance de fundos de investimento, é recomendável uma análise de, no mínimo, 12 meses. Estratégias com derivativos podem resultar em perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo.